

ALÉM DA NOTÍCIA

Sarney guardará as cartas

A questão da reforma ministerial não é vital para o presidente José Sarney, que não deseja trocar o continente pelo conteúdo. Seria pelo menos injustiça atribuir a ministros supostamente sem espaço sob a nova situação de poder, falta de qualificação para operar sob estilos e critérios novos. O ministério é político, em sua grande maioria, e um dos atributos políticos é justamente o de se adequar às condições de terreno que forem surgindo.

O presidente Sarney demonstraria estar inseguro, ou sofrendo irresistível pressão, se decidir aceitar as cartas de demissão que seus ministros lhe entregaram apenas em caráter formal, e por gentileza ao titular do poder. Se ele não se considera apto a governar com a equipe montada por Tancredo Neves, não o demonstrará agora, na fase do luto e das purgações da perda do líder da Nova República. E como não poderá manter essa situação por mais tempo pendente — sob risco de comprometer a estabilidade de seu governo, e perder autoridade — Sarney deverá pronunciar-se com ênfase e clareza sobre o tema, para lhe dar um desmentido cabal.

Não são verídicas, por conseguinte, as suposições que ontem inundaram Brasília, no sentido de que os ministros já teriam até mesmo indicado um delegado para padronizar suas cartas de demissão — no caso, o Ministro da Educação Marco Maciel. O ministro nos assegurava ontem que nada tinha acontecido, senão uma ficção. Seria deselegância com o presidente Sarney, por outro lado, se essa carta de demissão coletiva fosse acompanhada de uma resposta igualmente padrão do chefe do Governo — como a imprensa noticiou — devolvendo aos ministros o gesto, e confirmando-os no cargo.

O que irá ocorrer é um rito simbólico: o Presidente da República receberá de quem quiser se exonerar os respectivos pedidos, mas não os concederá. Pedirá para que fiquem mais tempo, até que tenha oportunidade de um ajuizamento crítico da máquina do Governo, e de seus principais problemas. Se Sarney escolhesse outros ministros agora, para o lugar dos que são tidos como insuscetíveis de permanecerem sob sua liderança — são mencionados constantemente os do

Gabinete Civil, Fazenda e Interior — correria o risco de não acertar com os atuais, nem com os novos, dado o contexto das dificuldades que o aguarda.

No entanto, se mantiver o ministério, Sarney terá, mais à frente, um argumento válido para promover as reformas que desejar, distante do clima emocional e das frustrações formadas com o desaparecimento de Tancredo Neves. Mais uma vez dá-se como mais exequível uma fórmula intermediária entre a concessão de dispensa a ministros e a necessidade de alguma mudança para adaptação do Governo ao "estilo Sarney": seriam atribuídos diferentes pesos a ministros que ficaram em segundo plano na formação do ministério, como o do Planejamento, Sr. João Sayad.

Ontem, em São João Del Rey, enquanto aguardava a confirmação do horário do sepultamento, entre Presidente e ministros não de ter transcorrido conversas já mais desvoltas a esse respeito. O Presidente da República, que já confirmou no cargo o ministro Ivan de Souza Mendes, do SNI, deverá fazer com os demais a mesma confirmação, tranquilizando até mesmo o ministro Renato Archer.

BRIZOLA VAI LARGAR

Confidentes do governador Leonel Brizola revelam que sua intenção é a de utilizar os próximos meses num projeto de repercussão nacional ligado ao setor da educação. Brizola utilizará 46% do orçamento fluminense para instalar, de Copacabana aos mais distantes municípios do Estado do Rio, uma rede de centenas de núcleos educacionais que inclusive darão duas refeições diárias aos estudantes.

"É a hora da largada de Brizola", comenta o confidente, afiançando-lhe a objetividade da intenção no campo escolar: "Ele fez a mesma coisa no Rio Grande do Sul (escolas e postos de saúde) e saiu consagrado". Para os brizolistas, os dois primeiros anos de seu governo foram dedicados à "conquista de espaços". Tudo isso com um objetivo estratégico: a Presidência da República em 86, 87 ou 88.